

Um olhar da análise do discurso para a representação temática na Ciência da Informação

A look of the analysis of the discourse for the thematic representation in the Science of the Information

por Nádea Regina Gaspar e Livia de Lima Reis

Resumo: O objetivo deste estudo é o de reunir textos que, embora se encontrassem em suportes e gêneros diversos, a partir de uma leitura inicial e também pela intuição, apresentavam-se em grandes assuntos que se pareciam afins, tendo em vista a representação de “temas”, um dos trabalhos realizados no campo da Ciência da Informação. Marcuschi ofereceu o aporte teórico para se entender sobre a noção de “suportes”; já a leitura de Bakhtin auxiliou na compreensão de que os “gêneros” são formas estáveis de enunciados que se cristalizam pelos usos da linguagem dentro de esferas discursivas diárias. Contudo, e no caso, foi por meio dos princípios da análise do discurso advinda de Michel Foucault sobre “enunciado” e “materialidades”, aplicados na análise do corpus composto por textos escritos, música, imagem fixa e imagem em movimento, que conseguimos estabelecer relações entre os textos e agrupá-los por temas afins. Pelos resultados da análise percebeu-se que é possível também reunir textos por meio de outros critérios que não somente os de gêneros e suportes semelhantes.

Palavras-chave: Suportes; Gêneros discursivos; Materialidade discursiva; Representação temática; Bibliotecas; Análise do discurso.

Abstract: The objective of this study is to group texts that presented similar subjects, but which were in different support and genres, in order to represent “themes” one of the activities of the Science of the Information. Marcuschi offered the theoretical basis for characterizing the notion of “support”; Bakhtin helped in understanding of “genres”. However, it was through the principles of the analysis of the discourse originated from Foucault about “statement” and “materiality”, applied to the analysis of the corpus that consisted of written texts, music, fixed images, and images in movement, that it was possible to establish relations between the texts and group them by similar subjects.

Key words: Supports; Discursive genres; Discursive materiality; Libraries; Thematic representation; Analysis of the discourse.

Introdução

Na prática de análise e representação temática dos documentos, a Ciência da Informação apóia-se em alguns princípios teóricos advindos da área da Linguística:

“A Ciência da Informação, que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças governantes dos fluxos e os meios de processar a informação tendo como objetivo a sua organização, armazenamento, recuperação e disseminação, tem estreita ligação com a Linguística pela intermediação da análise documentária, que se utiliza de métodos e processos para descrever o conteúdo dos documentos” (Mendonça, 2000, p.51).

No que diz respeito à análise e organização dos assuntos contidos nos textos são utilizados atualmente sistemas de classificação, em que as categorias de assuntos já estão previamente selecionadas, elencadas e enumeradas. Os sistemas mundialmente mais utilizados são: a *Classificação Decimal de Dewey (CDD)*, e a *Classificação Decimal Universal (CDU)*. Com procedimentos de análise orientados por tais esquemas, parece-nos que há uma delimitação do trabalho de análise textual, pois muitas vezes não são encontrados e representados nos mesmos os assuntos correspondentes ao conteúdo do documento a ser classificado, sendo necessário fazer adequações para “encaixar” esse conteúdo em alguma classificação do sistema utilizado.

Deste modo, alguns assuntos que não estão previamente *elencados* e enumerados por tais sistemas não são devidamente representados na classificação. Por outro lado, mesmo que sejam feitas análises mais detalhadas do conteúdo de uma obra, o campo de assuntos em uma base de dados é sempre representado por palavras-chave. Descrições mais completas da obra, ou mesmo qualquer tipo de imagem (*fixa e/ou em movimento*), não são veiculados ao leitor (também chamado pela área de usuário). Além disso, por mais que a Ciência da Informação seja embasada em metodologias de leitura do bibliotecário para que seu trabalho se torne neutro e objetivo, não há como fugir de uma subjetividade no momento de indexação de assuntos e temas. Segundo Lancaster (1997, p.61): “É mais do que evidente que a indexação é um processo subjetivo em vez de objetivo. Duas (ou mais) pessoas possivelmente divergirão a respeito do que trata uma publicação, quais de seus aspectos que merecem ser indexados, ou quais os termos que melhor descrevem os tópicos selecionados.”

O profissional da informação, deste modo, muitas vezes interpreta por um determinado viés ao analisar as obras e também produz sentidos ao ler, indexar e classificar, sendo difícil conceber a leitura como homogênea e neutra de sentidos, como afirma Pereira (2007, p. 216): “Entendemos que a maneira de pensar a articulação entre discurso e sociedade tem de ser constantemente reavaliada, porque os contextos de produção dos textos/documentos/discursos e as teorias do discurso entraram já definitivamente no trabalho dos Indexadores, que não podem ser neutros.”

Inferimos, do dito acima, que a leitura compõe o universo de “gestos e redes de sentidos”, como afirma Pêcheux (1998), pois advém de discursos manifestos e materializados em atos e nas linguagens. Levando-se em consideração que a linguagem não é estanque, fechada, uniforme e normativa, como se fálássemos e/ou lêssemos um dicionário (Pêcheux, 1998), mas sim, fluída, versátil e aponta para elementos culturais, históricos, subjetivos, percebemos que as linguagens podem ser melhor exploradas no momento da análise e representação das obras que compõe, por exemplo, o acervo das unidades de informação, pois as obras também não são estanques e fechadas em si mesmas.

Diante de toda a diversidade de linguagens - orais, escritas, imagéticas fixas, imagéticas em movimento, gestuais - de que modo, então, representar os assuntos em bases de dados para que uma obra seja recuperada pelos leitores e pesquisadores? Como

articular toda essa diversidade tomando como preocupação principal os discursos produzidos pela sociedade? Qual teoria e método poderiam explorar essa diversidade?

Uma das propostas que seria bastante viável hoje seria a possibilidade de se realizar análises mais aprofundadas advindas da análise do discurso, e disponibilizar os resultados nas bases de dados, juntamente com as descrições das imagens, fixas e em movimento, tabelas, gráficos, mapas, etc. que se relacionam com o tema da obra. Contudo, esse percurso exigiria uma mudança da metodologia utilizada na análise dos textos, pois neste sentido, a preocupação seria a de se encontrar “*enunciados discursivos*”, como explicitado segundo o ponto de vista de [Foucault](#) (2008) mais abaixo, e não somente agrupar textos por “suportes” que se assemelham e classificá-los por gêneros textuais, escolhendo, via signos advindos das tabelas previamente elaboradas, as palavras-chave que os representam.

Entendemos que a representação temática é uma prática extremamente complexa e as reflexões sobre o assunto são constantemente avaliadas e, portanto, não são conclusivas, sendo essa uma das motivações para o desenvolvimento deste estudo, que se ampara, portanto, em uma proposta advinda da análise do discurso de [Michel Foucault](#). Antes, porém, será necessário pontuar as compreensões de “*suporte*” e “*gênero*”, e valemo-nos para tanto dos posicionamentos de [Marcuschi](#) (2003) e [Bakhtin](#) (2003).

Apontamentos sobre “suportes” e “gêneros” textuais

[Bakhtin](#) (2003, p.266) diz que: “*os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação.*” A partir desse posicionamento do autor sobre o gênero inferimos que os mesmos se formam na ação do ser humano de se comunicar. Ação que faz parte da experiência diária de todos, e que tem a língua e a linguagem como um de seus principais meios de se expressar. Portanto, na sua constituição, ou seja, no momento da produção dos textos, via linguagens, já se revela, e devem ser considerados posteriormente nas análises, aspectos da experiência diária, as situações imediatas em que ocorrem as formulações, e mais os aspectos linguísticos. Consta-se, assim, via [Mikhail Bakhtin](#), a relação dos gêneros com os discursos e com os suportes que os sustentam.

O autor expõe também, que qualquer ato de comunicação tem alguma finalidade específica, o que explica o fato de existirem tantos gêneros quanto são os tipos de categorias de atividades comunicativas. Existem tantas categorias de gêneros quanto existem possibilidades de atividades sócio-culturais. [Bakhtin](#) (2003, p.282) defende a ideia de que a comunicação verbal só é possível através de algum gênero determinado:

“Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência.”

A atividade de formular um enunciado, portanto, é individual, mas, ao mesmo tempo, é uma atividade que obedece a convenções sociais conforme a situação em que o enunciado terá sua circulação. Segundo [Bakhtin](#) (2003, p.262, grifo do autor), “*evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso*”. [Marcuschi](#) (s.d, on-line) parece não divergir do modo como pensa [Bakhtin](#) (2003) quando diz que os “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Deste modo, todo texto está dentro de algum gênero e todo gênero se materializa em um suporte para que possa circular na sociedade, e a seguir, destacamos, ainda que sucintamente, a noção de suporte advinda de [Luiz Antônio Marcuschi](#).

O suporte, muitas vezes, determina o gênero. Um exemplo que [Marcuschi](#) (2003) utiliza é o de uma mensagem que, se estiver escrita em um papel pode ser um bilhete, se for gravada em secretária eletrônica é um recado, se for enviada pelo correio é um telegrama e se estiver exposta em um outdoor pode ser uma declaração de amor. A mensagem em todos estes suportes é a mesma, mas o gênero mudou na medida em que ela apareceu em diferentes suportes. [Marcuschi](#) (2003, p.7) define suporte como: “*Suporte textual tem a ver centralmente com a ideia de um portador do texto, mas não no sentido de um meio de transporte ou veículo, nem como um suporte estático e sim como um locus no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta.*”

Embora as noções de “*suporte*” e “*gênero*” advindas desses autores sejam de grande valia para os estudos da Ciência da Informação, motivo para trabalhos futuros, valemo-nos deles aqui, para justificar elos que queremos estabelecer entre eles e os domínios discursivos. Isso porque, se vamos tratar agora de princípios advindos de [Foucault](#), particularmente “*enunciados*” e “*materialidades discursivas*”, esses, certamente, só são encontrados em “*gêneros*” textuais, que por sua vez, estão inseridos dentro dos “*suportes*”.

Enunciado e materialidade discursiva em Foucault

[Foucault](#) (2008, p.134) diz que a Análise do Discurso mostra como os diferentes textos se “*remetem uns aos outros, organizam-se em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comuns a toda uma época*”. Tomando-se isso como pressuposto, os sentidos produzidos nas análises e advindos da circulação de enunciados discursivos estão contidos na memória da humanidade, e estão ligados por uma interdiscursividade.

[Foucault](#) (2008) observa, ainda nesta direção, que os enunciados são produzidos a partir de acontecimentos que permitem que os mesmos sejam ditos, via enunciações. Segundo [Davalon](#) (1999), o rompimento de um acontecimento possibilita a formulação e circulação de novos enunciados fazendo surgir discursos em torno deste acontecimento. Assim, com a sua circulação, o enunciado se torna presente em uma memória para que possa ser repetido, rememorado, utilizado, manipulado, combinado,

decomposto, transformado, e também, circular novamente. Gaspar (2004, p.234) explica que o enunciado se manifesta como acontecimento “*por meio da escrita e da oralidade, mas ele não se fixa nessas modalidades, pois ele abre para si mesmo uma existência remanescente em vários outros campos, outras materialidades*”, portanto, o enunciado se manifesta em vários suportes e gêneros. Ou seja, um livro, um artigo, uma música, um filme não têm uma fronteira definida e um fim em si mesmos, sob o viés dessa teoria, pois eles estão imersos em um sistema que os remetem a outros textos, independentemente de seus suportes e de seus gêneros textuais.

Foucault (2008, p. 95) diz que os discursos são formados por conjuntos de enunciados, sendo que estes são “*a unidade elementar dos discursos*”. O enunciado pode ser isolado em si mesmo, mas não pode ser decomposto em partes menores. Foucault (2008, p. 90) fala do enunciado como “*um átomo do discurso*”. Mesmo sendo possível isolá-lo em si mesmo, ele não tem uma estrutura finita, já que os enunciados não têm sua existência completa apenas em si mesmo, isto é, não são independentes de outros enunciados que os antecederam. O enunciado se relaciona com outros enunciados que se repetem, explicam-se, excluem-se, etc., dentro de um campo em que é possível seu aparecimento e que é regido por regras específicas: “*ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, [o enunciado] aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra a operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga*”. (Foucault, 2008, p.118)

O conceito de enunciado pressupõe um dos princípios que o rege: a “*materialidade*”. Isso porque, o enunciado, para que seja percebido como memória, precisa ter algum tipo de existência material. “*Poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse enunciado, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca – apenas alguns instantes – em uma memória ou em um espaço?*” (Foucault, 2008, p. 113).

O enunciado tem uma materialidade que pode se repetir em outras substâncias, espaços e datas. Ou seja, o enunciado, “*através de sua materialidade repetível, manifesta-se em várias materialidades*” (Foucault, 2008, p.115). Pequenas mudanças em sua materialidade perceptível não são suficientes para que ele perca sua identidade, pois ele obedece a um regime de materialidade repetível que lhe é intrínseca. Ao dizer um enunciado em voz alta e em outro dia repeti-lo ao escrevê-lo em uma folha de papel, embora se trate de outro espaço, outra substância e outra data, ele continua sendo o mesmo enunciado, pois há uma semelhança e uma relação do sentido produzido nas duas enunciações: “*uma informação dada pode ser retransmitida com outras palavras, com uma sintaxe simplificada, ou em um código convencionado; se o conteúdo informativo e as possibilidades de utilização são as mesmas, poderemos dizer que ambos os casos constituem o mesmo enunciado.*” (Foucault, 2008, p.117).

O regime de materialidade repetível ao qual o enunciado obedece não é uma materialidade apresentada sob a forma da cor, do som ou da solidez. Foucault (2008) esclarece: “*O regime de materialidade a que obedecem necessariamente os enunciados é, pois, mais da ordem da instituição do que da localização espaço-temporal; define antes possibilidades de reinscrição e de transcrição (mas também limiares e limites) do que individualidades limitadas e perecíveis.*” (Foucault, 2008, p. 116).

O enunciado, portanto, através de uma materialidade repetível, se manifesta em vários suportes, gêneros, instâncias e substâncias que o sustentam e o tornam presentes em uma memória. A questão do enunciado que se repete ao longo dos tempos deve ser vista não no sentido de uma busca por sua origem de repetição, mas sim nas relações existentes entre suas formas idênticas ou quase idênticas que se repetem. Os sentidos que são produzidos pelos enunciados não estão por trás deles, mas sim em sua própria superfície, não havendo assim, uma separação entre o que foi dito e o que se quis dizer, e devido a isso, não se interpreta por essa teoria, mas se analisa o que de fato está nas “*superfícies enunciativas*” (Foucault, 2008, p. 130).

Como se vê teoricamente, a análise do enunciado via materialidade discursiva, que aparece em diversos gêneros e suportes, pode ser um conceito de relevante contribuição para o auxílio da atividade de análise e representação temática, aplicado nos acervos de bibliotecas, arquivos e museus, campos próprios à Ciência da Informação. Por meio da análise das materialidades discursivas podemos relacionar textos de diferentes: épocas, suportes, gêneros, materialidades e sujeitos distintos. Isso só é possível quando se encontra por meio do trabalho de leitura e análise, o enunciado, o qual reúne esses diferentes elementos. Para que se possa comprovar isso, vejamos o universo, embora no âmbito de uma amostragem, da análise.

O enunciado discursivo sobre a temática “Conflitos entre pais e filhos”

Com base em estudos dos conceitos advindos da obra A arqueologia do saber de Michel Foucault (2008), buscamos, via análise de um tema de interesse, demonstrar o modo como se pode encontrar um “enunciado discursivo” por meio das “*materialidades discursivas*”. A partir de leituras previamente realizadas, foram selecionados, como aponta Bakhtin (2003) e Marcuschi (2003) diversos “*gêneros textuais*” como: literatura infanto-juvenil, livro científico, entrevista, tira de jornal, música, filme de animação. Esses gêneros alojavam-se em suportes que se diferenciavam como: livros, filmes e sites da Internet. Todos eles revelaram, porém, no momento da leitura, um tema principal: “*as relações conflituosas entre pais e filhos*”, embora, como se pode aferir abaixo, nem sempre isso estava claramente exposto no título da obra.

A partir dessa pré-seleção inicial, feita do modo acima, é que buscamos encontrar o enunciado discursivo nas diversas materialidades que se apresentavam, quais sejam: texto escrito, letra de música, imagem em movimento, imagem fixa. O arquivo discursivo selecionado para a pesquisa foi:

- Filmes de animação: *Procurando Nemo* (2003); *Pateta, o filme* (1995);

- Tira de Jornal: [Calvin & Haroldo](#) (tirinha nº 292);
- Periódico: [Revista pais e filhos](#) (24 de abril de 2006, on-line);
- Livros: [Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir de Maria Maldonado](#) (1985); *Sabe de uma coisa? : diário de uma adolescente de Vivina de Assis Viana* (1989); *Abram a porta pro papai de Ilsa Lima Monteiro* (1993); *Problemas entre pais e filhos de S. Isaacs* (1960).
- Música: [Filho Único de Erasmo Carlos e Roberto Carlos](#) (2002)

Na análise, observamos o conceito de materialidade tanto nos fragmentos internos a cada texto, filme e imagens, como também, posteriormente, nas relações entre os textos. Interessante observarmos inicialmente, que embora todos os textos representassem o tema “*relações conflituosas entre pais e filhos*”, no decorrer da análise foi possível perceber não somente um, mas dois enunciados: o primeiro trata de “*relações conflituosas entre crianças e pais*”, e outro, trata de “*relações conflituosas entre adolescentes e pais*”. Devido a isso, a demonstração da análise será dividida em duas partes, a fim de expor mais didaticamente os enunciados identificados.

Relações conflituosas entre crianças e pais Na leitura do livro *Problemas entre pais e filhos* classificado no gênero livro científico foi retirado o trecho abaixo:

“Por exemplo, de manhã ela toma um copo de Ovomaltine, de que ela gosta de verdade, mas esta manhã brincou tanto que finalmente tive de dizer-lhe que o bebesse. Ficou sentada olhando para o copo durante uma hora, sabendo que bastava tomá-lo para poder descer e brincar no jardim. Eu a pus na cama com o copo do lado, e ela chorou um pouco, mas depois começou a cantar como se não se preocupasse com coisa nenhuma desta vida. Mais tarde, decidi, acho eu, que era bastante, e disse que o tomaria. Começou a beber e depois entornou um pouco na cama e me disse: ‘Eu fiz de propósito.’”
([Isaacs](#), 1960, p. 62)

Na análise deste excerto percebemos que a seguinte enunciação representava, via escrita, o tema conflitos entre pais e filhos: ‘*Eu fiz de propósito*’. Quando uma enunciação é dita e repetida, para que se possa encontrar o enunciado lembrando o que foi falado teoricamente sobre enunciados neste trabalho por [Foucault](#) (2008), deve-se ter em mente que o enunciado está na “*superfície e não por trás dela*”. Portanto, no fragmento destacado é possível perceber a relação de rebeldia da criança em relação à mãe, e isso está explícito e evidente na superfície textual.

A atitude da criança é, momentaneamente, uma atitude desafiadora para testar limites já que ela não tem motivos para não tomar o copo de “*Ovomaltine*”, a não ser para desafiar a mãe. Contudo, as enunciações são inúmeras, e em si não constituem um enunciado discursivo. Para que isso ocorra, isto é, para que se depreenda efetivamente um enunciado, é preciso colocá-lo em relações, em associações com outros possíveis enunciados, encontrados em outros textos. Nesse sentido é que se destacou outro excerto, advindo de outro texto, de outro gênero diferente do anterior, de outra época, feito por outro sujeito. Na leitura do livro *Abram a porta pro papai*, classificado no gênero literatura infanto-juvenil, em que uma criança precisa lidar com a separação dos pais, retiramos o seguinte trecho:

“- Ah, pois é, Ique. Nós vamos nos mudar. Amanhã vamos ver uma casa que acho que serve pra nós, vamos vê-la juntos.
- Vamos, mas quero ir contigo pra nova casa, não quero ir embora.
- Depois a gente vê isso, mas tu já estás grandinho, já sabes que mora com a tua mãe.
- Não vou, não vou.
Resolvi que não iria. Agora até já gostava do bebê e estava fazendo as pazes com a avó Lidia. Não, ninguém iria levar-me” ([Monteiro](#), 1993, p. 86).

Analisando o trecho acima, destacamos a seguinte enunciação: “*mas tu já estás grandinho*” e “*Não vou, não vou*”. A primeira enunciação é recorrente nas falas dos pais nos momentos de “*manha*” e rebeldia de seus filhos. Mesmo o pai tendo falado para Ique que ele já está “*grandinho*” ele continua com a “*manha*”. Esse fragmento pode ser acoplado junto com o anterior, pois embora aqui seja o pai que está dando uma “*bronca no filho manhoso*” e no anterior era a criança que fazia “*manha*” para desafiar a mãe, observa-se nos dois fragmentos as “*relações conflituosas entre pais e filhos*”. Isso também pode ser visto em outro excerto, que trata do mesmo tema. Na leitura de uma entrevista feita a [Maria Maldonado](#) (2006), publicada no gênero periódico on-line Pais e Filhos, retirou-se o trecho: “*Hoje, com 3 ou 4 anos as crianças já começam a tirania. Têm um discurso de que não quero, não faço, não vou. Tempos atrás o castigo físico era aceitável como uma medida educacional. Hoje não é. E muitos pais ficaram e ainda estão com muita dificuldade de descobrir outros caminhos de disciplinar efetivamente*” ([Maria Maldonado](#), 2006).

A enunciação que se destaca neste trecho é: “*Hoje, com 3 ou 4 anos as crianças já começam a tirania. Têm um discurso de que não quero, não faço, não vou*”. Este trecho mostra que, atualmente, é comum as crianças começarem cedo com as atitudes de “*tirania*”, e pode-se notar uma semelhança entre o que vem sendo falado aqui e a fala de Ique, do trecho analisado anteriormente, quando ele diz “*Não vou, não vou*”, juntamente com o do primeiro trecho em que a criança diz: ‘*Eu fiz de propósito*’.

Buscando-se encontrar relações entre as três enunciações anteriores, nota-se que representam atitudes de rebeldia muito parecidas

nas falas das crianças ao dizerem: “*eu fiz de propósito*”, “*não quero, não faço, não vou*” ou “*não vou, não vou*”. Até mesmo na fala do pai dizendo: “*tu já estás grandinho*”, ou seja, neste momento da análise, com três excertos que “*falam sobre o mesmo tema*”, já se pode considerar que se está diante de um enunciado discursivo, que será revelado mais abaixo. Para demonstrar, contudo, que o enunciado pode reaparecer e ser reinscrito em materialidades diferentes, como afirma Foucault (2008), mesmo tendo ele sido analisado acima e se apresentado em suportes e gêneros distintos, como um livro científico, um livro de literatura infantil e um periódico on-line, vamos também observá-lo em uma tirinha de jornal e em um fragmento de filme, como segue abaixo.

Figura 1: Tirinha Calvin & Haroldo nº 292



Na observação da tirinha do Calvin (Figura 1) destacamos a seguinte enunciação: “*Porque eu sou sua mãe e disse que não. Agora volte pra dentro. E para de andar pisando forte pela casa!*”. Na relação com os demais textos, percebe-se que esta enunciação passa a se configurar em um enunciado, pois notamos novamente a relação de conflito que se estabelece quando a mãe tenta manifestar sua autoridade dizendo ao filho que se ela é a mãe dele, isso já bastaria para que ele a obedecesse sem fazer mais perguntas. A relação de rebeldia da criança é retratada pelo fato de ele andar pisando forte pela casa. Vejamos, finalmente, um fragmento filmico. Para análise do filme de animação *Procurando Nemo* (2003), segue o diálogo transcrito abaixo:

Marlin: Nemo, não! Você ia nadar em mar aberto?

Nemo: Não, eu não ia!

Marlin: Você sabe que não nada bem.

Nemo: Eu sei nadar muito bem, tá?!

Marlin: Não! Não tá não! Você não devia nem estar perto daqui. Eu tinha razão. Quer saber? Escola só daqui há um ano ou dois!

Nemo: Não, pai! Só porque você tem medo do mar?!

Marlin: Não tá preparado e só quando estiver é que vai voltar. Você acha que pode fazer essas coisas, mas não pode Nemo!!

Nemo: Eu odeio você!”

Destaca-se, neste trecho filmico, a frase que representa o tema sobre “*conflitos entre pais e filhos*”, quando Nemo diz: “*Eu odeio você*”. Esta frase indica uma atitude de rebeldia, pois Nemo não odeia o pai e só agiu dessa maneira num momento de tensão emocional. Relembrando o que foi estudado sobre a materialidade repetível do enunciado, vê-se que ele reaparece, com outras palavras, frases, imagens, etc., mas com o mesmo sentido, em um livro de 1960 (*Problemas entre pais e filhos*), na fala de Ique num livro de 1993 (*Abram a porta pro papai*), na entrevista com Maldonado publicada em um periódico online de 2006, na tirinha de *Calvin & Haroldo* nº 292 e também no filme *Procurando Nemo* (2003). Deste modo, as enunciações individuais que se apresentaram nos textos, repetem-se no momento da análise, mesmo com variações enunciativas, porque retratam atitudes de rebeldias que são pontuais em momentos de enfrentamento nos quais as crianças testam seus limites. Percebe-se que há uma “*estabilização do campo de utilização destas enunciações*”, como afirma Foucault (2008), pois as relações conflituosas entre pais e filhos continuam as mesmas nos períodos observados.

Devido a isso é que se trata do mesmo enunciado que pode agora ser destacado, qual seja: “*relações conflituosas entre crianças e pais*”.

Tendo encontrado esse enunciado, e visto que ele estava “*materializado*” em diferentes suportes e gêneros, constatamos, por meio da leitura e análise do arquivo discursivo, que também havia outro “*bloco*” de textos que se referiam ao mesmo tema, mas que tratava de um enunciado diferente do anterior, pois se o anterior dizia respeito às “*relações conflituosas entre crianças e pais*” o outro se referia às “*relações conflituosas entre adolescentes e pais*”. Vejamos como isso pode ser analisado.

Relações conflituosas entre adolescentes e pais

Na leitura do livro científico *Comunicação entre pais e filhos*, retiramos o seguinte trecho:

“Provar o contrário” pode significar “ser do contra” e intensificar desafiadoramente o comportamento criticado para não se deixar dominar. A mãe de Eliane, na esperança de ajudar a filha a cuidar melhor

da pele, lhe dizia: “pare de espremer essas espinhas, que a moça mais rebelde, vai ficar com a cara podre!” Eliane insistia em continuar a espremer a pele todas as manhãs para provar à mãe que suas profecias não se concretizariam” ([Maldonado, 1985, p. 84](#)).

Neste momento da pesquisa pode-se falar de enunciado, e não somente de enunciações, pois, julgamos que já houve a compreensão que as enunciações são individuais e relacionam-se a outras enunciações advindas de outros textos, sendo que a relação entre elas, visualizada por meio de suas materialidades repetíveis, é que gera o enunciado discursivo. Assim, no enunciado destacado: “*que moça mais rebelde*” o comportamento da moça, que é rebelde, está explícito. A mãe, no caso, tenta alertar a filha sobre as conseqüências do ato de espremer espinhas, e a filha adolescente, na tentativa de provar o contrário sobre as “*profecias da mãe*”, continua a espreme-las. Observamos, a seguir, um trecho de um livro, agora de literatura infanto-juvenil, [Sabe de uma coisa?: diário de uma adolescente](#):

*“Mesmo dia, à noite
Briguei com minha mãe. Haja paciência. Na mesma hora, liguei pra Mônica avisando que vou à excursão. Assim, tiro férias da chata da minha mãe por uns dias”* ([Viana, 1989, p. 21](#)).

O enunciado destacado: “*Assim, tiro férias da chata da minha mãe por uns dias*”, revela que essa atitude é muito comum entre adolescentes porque não valorizam os conselhos e ensinamentos de seus pais, que são vistos como “*chatos*” ao alertar, ensinar, e até mesmo proibir seus filhos para preservá-los de possíveis “*sofrimentos*” que possam viver. Observamos, ainda, mais um excerto, mas agora na letra de uma música.

Na análise da letra da música Filho único, de Erasmo Carlos e Roberto Carlos (2002), destaca-se o seguinte trecho:

*“Ei, mãe
Não sou mais menino
Não é justo que também queira parir meu destino
Você já fez a sua parte me pondo no mundo
Que agora é meu dono, mãe
e nos seus planos não estão você.”*

Neste caso, o enunciado que se revela é: “*Não sou mais menino / Não é justo que também queira parir meu destino*”, e também: “*Você já fez a sua parte me pondo no mundo/ Que agora é meu dono, mãe, e nos seus planos não estão você*”. A música mostra uma relação conflituosa entre o filho, que quer ser independente, e sua mãe. Essa questão é recorrente na adolescência, pois os pais muitas vezes não enxergam que seus filhos cresceram e que podem traçar seus próprios destinos. Há ainda um filme de animação em que o enunciado reaparece. Finalmente, na análise do filme de animação *Pateta, o filme* (1995), o enunciado reaparece, e retiramos o seguinte trecho:

*“Pateta: Procurei você por toda parte. Onde esteve filho? Queria te dizer que sinto muito.
Max: Ah! Poupe a saliva. Pode ter ganho desta vez mas, pai...esse campus não é suficiente pra nós dois!
Pateta: Não queria que acontecesse o que aconteceu, Max. Eu só queria ficar por perto.
Max: Ah! Você não entende? Estou tentando ficar longe de você, eu não sou mais criança. Agora me deixe em paz e vá viver a sua vida.”*

Nesta última análise destacamos mais esse enunciado que representa o tema escolhido para a análise: “- *Ah! Você não entende? Estou tentando ficar longe de você, eu não sou mais criança. Agora me deixe em paz e vá viver a sua vida.*”. Pode-se notar que é a mesma relação conflituosa de rebeldia que se estabelece de maneira muito semelhante nos textos analisados. Em todos os textos são adolescentes que querem se tornar independentes e devido a isso têm atitudes de rebeldia em relação a seus pais.

Comparando todas essas enunciações que figuram na música Filho único “*não sou mais menino*” (2002), com a que aparece no filme *Pateta, o filme* (1995) quando Max diz que não é mais criança, a relação de semelhança fica evidente. É possível, ainda, estabelecer relações do trecho retirado do livro *Sabe de uma coisa?: diário de uma adolescente* (1989) em que a adolescente se mostra contente em tirar férias da “chata da mãe” com o enunciado do audiovisual *Pateta, o filme* (1995) em que Max diz para o pai “*deixá-lo em paz*”, já que fica explícita a relação de semelhança entre ambos.

Sendo assim, é que destacamos um segundo enunciado: “*as relações conflituosas entre adolescentes e pais*”, pois ele também foi encontrado nas diversas obras analisadas. Reunindo os dois “blocos” enunciativos, quais sejam: “*relações conflituosas entre crianças e pais*” e “*relações conflituosas entre adolescentes e pais*” podemos observar, então, o tema que agrupa uma mesma “*formação discursiva*”, qual seja: as “*relações conflituosas entre pais e filhos*”.

Considerações finais

Este trabalho teve como questão central de pesquisa entender de que modo seria possível recorrer aos fundamentos teóricos advindos da Análise do Discurso de Michel [Foucault](#), particularmente as noções de “*enunciado*” e “*materialidades discursivas*”, para se trabalhar a análise de textos na Ciência da Informação. Para tanto, estudou-se teorias advindas de [Marcuschi](#) (2003) em seu entendimento sobre a noção de “*suporte*”, as de Bakhtin (2003) no que se refere a sua compreensão sobre “*gêneros*”. Porém, foi necessário estudar, principalmente, por meio de leituras de [Foucault](#) (2008), a teoria advinda da Análise do Discurso para se

obter a base teórica que auxiliou no objetivo de se encontrar o “*enunciado discursivo*” via análise das “*materialidades discursivas*”, aplicando essas noções no tema escolhido: “*Conflitos entre pais e filhos*”.

No desenvolvimento deste trabalho, notamos que, teoricamente, as noções de gêneros e suportes nos auxiliaram para compreendermos que os discursos alojam-se em textos com suportes que se diferenciam entre si e também em gêneros distintos. Contudo, percebemos que, particularmente, os “enunciados” e “materialidades” discursivas carecem ser encontrados nos suportes e gêneros textuais, e isso é feito via análise discursiva.

Tendo como interesse de pesquisa para este trabalho o tema “*relações conflituosas entre pais e filhos*”, por meio da análise discursiva agrupamos suportes e gêneros textuais diferentes: os filmes de animação *Procurando Nemo* (2003) e *Pateta, o filme* (1995), a tira de jornal de *Calvin & Haroldo* (tirinha nº 292), o periódico online *Revista pais e filhos* (24 de abril de 2006, online), os livros *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir* (1985) de Maria Maldonado; *Sabe de uma coisa? : diário de uma adolescente* (1989) de Vivina de Assis Viana; *Abram a porta pro papai* (1993) de Ilsa Lima Monteiro; *Problemas entre pais e filhos* (1960) de S. Isaacs e a música *Filho Único* (2002) de Erasmo Carlos e Roberto Carlos.

Na análise desse corpus, ou seja, no dizer de Foucault (2008), na análise do “*arquivo discursivo*” sobre o tema, foi possível encontrar dois enunciados que especificaram melhor a representação do tema “*conflitos entre pais e filhos*”, quais sejam: “*relações conflituosas entre crianças e pais*” e “*relações conflituosas entre adolescentes e pais*”. Estando estas materialidades presentes em diversos suportes e gêneros textuais, este trabalho demonstrou que é possível, portanto, agrupá-los em uma única classificação temática.

Quanto à recuperação da informação, por exemplo, o filme *Procurando Nemo* poderia ser recuperado por seu tema e juntamente com ele seriam recuperados, ainda exemplificando, também os livros *Problemas entre pais e filhos*, *Abram a porta pro papai*, *Comunicação entre pais e filhos*, *Sabe de uma coisa? : diário de uma adolescente*, a música *Filho único*, o filme *Pateta, o filme*, a entrevista publicada na revista *Pais e Filhos* e, também, a tirinha do *Calvin & Haroldo*.

Observa-se que este tipo de análise se mostra importante no sentido de explorar melhor os temas de diversas obras em diferentes gêneros, diminuindo, pois, a perda de informações a serem recuperadas, e ampliando significativamente o universo de leituras para os leitores. Assim, caso esta análise fosse disponibilizada em uma base de dados, um pesquisador ao fazer uma pesquisa em uma biblioteca, arquivo, etc., poderia buscar pelo tema e recuperaria todos esses suportes e gêneros com materialidades diferentes. Entretanto, para este tipo de análise seria preciso pensar em outras formas de indexação e disponibilização em bases de dados, e novos modos de leitura e análise do bibliotecário.

Além disso, observa-se também que se recupera a memória, via acontecimentos discursivos que são representados nas obras e resgatados pelos analistas, como sugere mais acima Davalon (1999). O trabalho revelou que há uma real necessidade de reflexão sobre teorias e conceitos advindos de áreas como a lingüística, particularmente a da Análise do Discurso, para se pensar em novos modos de ler, analisar, classificar, indexar, organizar e disponibilizar as informações também dentro do campo da Ciência da Informação, para que as obras sejam analisadas com maior detalhamento e fidedignidade, tendo como consequência a disponibilização mais apurada de conteúdos em bases de dados que sejam adequadas a essa proposta.

Neste sentido, a análise do discurso se torna interessante para a área da Ciência da Informação porque, devido a ela, pode-se reunir e recuperar diversas obras, sejam elas livros, músicas, filmes, tiras de jornais, etc., desde que haja o tema de interesse de pesquisa do leitor/usuário. Segundo Lucas (2000, p.13), “*o bibliotecário trabalha o tempo todo com a memória, seja ela científica, literária, artística; e o seu instrumento de trabalho é a leitura*”. Assim, a Análise do Discurso pode ter muito a contribuir para a área da Ciência da Informação já que possibilita, por meio de análise dos enunciados, a articulação entre os discursos que circulam nos textos, seja qual for a sua materialidade.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DAVALON, P. A Imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memoria. Campinas: Pontes, 1999.
- ERASMO CARLOS; ROBERTO CARLOS. Filho Único. Intérprete: Erasmo Carlos. In ERASMO CARLOS. Millennium. [s.l]: Universal Music, 2002. 1 CD. Faixa 14
- FOUCAULT, M. Arqueologia do Saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GASPAR, N. R. Foucault nas visibilidades enunciativas. In: SARGENTINI, V.; BARBOSA, P. N. M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.
- ISSACS, S. Problemas entre pais e filhos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.
- LANCASTER, F. W. Indexação e Resumos: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1997.
- LUCAS, C. R. Leitura e interpretação em biblioteconomia. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- MALDONADO, M. T. Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MALDONADO, M. T. Maria Teresa Maldonado. Entrevistadora: Mônica Dallari. Pais & Filhos, n.433, abril 2006. Disponível em: <<http://revistapaisefilhos.terra.com.br/>> Acesso em: 09 jun. 2008.

MARCUSCHI, L. A. A questão dos suportes dos gêneros textuais. Versão provisória de 2003. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc>> Acesso em: 22 abr. 2009.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.proead.unit.br/professor/linguaportuguesa/arquivos/textos/Generos_textuais_definicoes_funcionalidade.rtf>. Acesso em: 22 abr. 2009.

MENDONÇA, E. S. A Linguística e a Ciência da Informação: estudos de uma interseção. *Ciência da Informação*, v.29, n.3, p.50-70, set/dez. 2000.

MONTEIRO, I. L. *Abram a porta pro papai*. São Paulo: FTD, 1993

PATETA, o filme [Goofy movie]. Direção de Kevin Lima. EUA: Disney, 1995. 1 DVD.

PEREIRA, E. C. O “Cavalo de Tróia” de Michel Pêcheux: uma breve reflexão sobre a análise automática do discurso. *TransInformação*, Campinas, v.19, n. 3, p. 207-218, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=269>>. Acesso em: 30 nov. 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.
PROCURANDO Nemo [Finding Nemo]. Direção de Andrew Stanton. EUA: Disney, 2003. 1 DVD.

VIANA, Vivina de Assis. *Sabe de uma coisa?: diário de uma adolescente*. 2 ed. São Paulo: Atual, 1989. (Série transas e tramas).

WATTERSON B. Calvin & Haroldo, n 292. Disponível em: <<http://depositocalvin.blogspot.com/search/label/Pais>>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Sobre os autores / About the Author:

Nádea Regina Gaspar

nagaspar@terra.com.br

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Car. Professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no Departamento de Ciência da Informação e do Programa de pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade na Linha de Linguagens, Comunicação e Ciência.

Lívia de Lima Reis

livialreis@gmail.com

Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa (UFSCar). Graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação (UFSCar).